

UNIVERSIDADE REGIONAL DO NOROESTE DO ESTADO DO RIO
GRANDE DO SUL
DHE- DEPARTAMENTO DE HUMANIDADES E EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

DIVA QUATRIN DE LIMA

**DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA OS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL: O QUE PRESCREVE OS DOCUMENTOS LEGAIS E O QUE
FAZ A ESCOLA?**

IJUÍ/RS
2019

DIVA QUATRIN DE LIMA

**DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA OS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL: O QUE PRESCREVE OS DOCUMENTOS LEGAIS E O QUE
FAZ A ESCOLA?**

Monografia apresentada ao Curso de
Pedagogia da Universidade Regional do
Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul-
Unijuí como requisito para obtenção do título
de graduada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Ms. Eulália
Marin

**IJUÍ/RS
2019**

DIVA QUATRIN DE LIMA

**DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA OS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL: O QUE PRESCREVEM OS DOCUMENTOS LEGAIS E O QUE
FAZ A ESCOLA?**

**MONOGRAFIA PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE GRADUADA EM
PEDAGOGIA**

Aprovada em / / .

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Ms. Eulália Marin

Professora do DHE

Prof.^a Mr^a Julieta Ida Dallepiane
Professora do DHE

CONCEITO FINAL:

Não há escola de virtudes apenas, o contato entre seres humanos. Mas a educação pode ser o lugar onde esses contatos acontecem de forma rica e refletida. Aliás, a escola talvez seja uma das únicas instituições onde isso ainda é possível, contando que os educadores o queiram (LA TAILLE p.95).

DEDICATÓRIA

Dedico... Aos meus grandes admiradores e incentivadores da minha vida, meu esposo Angelo, meus filhos Alexandre e Laura, meus irmãos, colegas da graduação, e a todos que acreditaram no meu potencial.

AGRADECIMENTOS

A Deus primeiramente, pela oportunidade de estudar; A minha família em especial, meu esposo e meus filhos, que foram incansáveis me apoiando frente às dificuldades encontradas; Aos meus irmãos que sempre estiveram presentes; Às minhas colegas e amigas que ganhei durante a graduação, e que as levarei para toda a vida no meu coração.

À CAPES pelo apoio financeiro e oportunidade de ser bolsista no PIBID e Residência Pedagógica; A minha orientadora Eulália Marin, pela atenção, confiança e sabedoria em me orientar; A todos colegas e professores, com que muito aprendi, a todos que, direta ou indiretamente acompanharam e fortaleceram o meu percurso acadêmico.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso, busca discutir questões referente ao processo da transição que as crianças passam ao sair da Educação Infantil e ingressar nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental de Nove Anos. Fazendo uma leitura do que trazem os documentos legais tais como a Base Nacional Comum Curricular, Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, e o que é vivido no chão da escola. O brincar e a ludicidade ganham centralidade ao pensarmos o “ser crianças” em suas infâncias plurais. Logo, entender conceitualmente crianças, infâncias, Educação Infantil, Anos Iniciais do Ensino Fundamental de Nove Anos e a cultura escolar como um modo de compreender a realidade contextualizada, e fazer dessa um campo de pesquisa. Crianças ou alunos? Como são reconhecidos os sujeitos que iniciam no 1º Ano do Ensino Fundamental? Levando em conta a visão do pedagogo, assim como o que a escola traz em seus documentos e conhecendo os sujeitos envolvidos, construímos entendimentos, que não pretendem ser verdades absolutas, mas sim caminhos para novos entendimentos.

Palavras-chave: Educação infantil, Anos Iniciais do Ensino Fundamental, Crianças, Alunos, Lúdico, Transição.

ABSTRACT

This paper concludes the course to discuss issues related to the transition process that children go through leaving early childhood education and entering the initial years of elementary school. Reading what legal documents bring such as the Common National Curriculum Base, National Curriculum Guidelines for Early Childhood Education, and what is experienced on the school floor. Play and playfulness are central to thinking about “being children” in their plural childhoods. Therefore, conceptually understanding children, childhoods, Early Childhood Education, Early Years of Nine Years and school culture as a way of understanding the contextualized reality, and make this a field of research. Children or students? How are subjects beginning in the 1st year of elementary school recognized? Taking into account the pedagogical view, as well as what the school brings in its documents and knowing the subjects involved, we built understandings, which do not claim to be absolute truths, but paths to new understandings.

Keywords: Early Childhood Education, Early Years of Elementary School, Children, Students, Ludic, Transition.

LISTA DE FIGURAS

Imagem 1: Espaço com livros, contação de histórias

Imagem 2: Canto do Salão de beleza.

Imagem 3: Tabela dos animais em construção.

Imagem 4: Imagem do pavão.2017.

Imagem 5: Texto coletivo sobre o passeio de estudos.2017.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC: Base Nacional Comum Curricular.

CAPES: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

DCNEB: Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica.

DCNEF: Diretrizes Curriculares Nacionais para Ensino Fundamental

DCNEI: Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil.

PIBID: Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência.

SUMÁRIO

NOTAS INTRODUTÓRIAS	12
1 HISTÓRICO E CONCEPÇÃO DE CRIANÇA E INFÂNCIA	14
2 O QUE DIZEM OS DOCUMENTOS LEGAIS? E COMO ESTÃO ACOLHENDO ESTES SUJEITOS INFANTIS?	19
2.1 O que os documentos legais falam sobre a educação infantil	22
2.2 Como os documentos legais entendem o ensino fundamental	24
2.3 A abordagem dos documentos referente a transição da educação infantil para os anos iniciais do ensino fundamental	26
3 ANÁLISE A PARTIR DAS PRÁTICAS DE ESTÁGIOS E PESQUISAS DA TRANSIÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA OS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE NOVE ANOS	30
4 CONSIDERAÇÕES	44
REFERÊNCIAS	47

NOTAS INTRODUTÓRIAS

*“A alegria não chega apenas no encontro do achado,
Mas faz parte do processo da busca.
E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura,
Fora da boniteza e da alegria.”*
Paulo Freire

Sabemos que o momento inicial da vida escolar é digno da atenção curiosa da criança e que devemos considerar que é essencial proporcionar vivências e experiências que priorizem o contato com a descoberta e exploração de todas essas novidades encantadoras. Os sujeitos da Educação Infantil e Ensino Fundamental são crianças de diversas infâncias, direitos, singularidades e várias culturas, são eles inseridos em diferentes realidades e contextos.

Em meio a toda essa complexidade os adultos (pais e escola) devem ter um olhar de escuta a criança, garantindo a ludicidade e o respeito a todas essas diferenças, singularidades e experiências próprias. É indispensável observar com atenção as infâncias que emergem nas escolas, sendo necessário o professor atuar como mediador/ escriba entre a criança e o conhecimento.

A tarefa da escolha do tema de pesquisa, foi um tanto difícil, diante das dúvidas e inquietações marcadas em nosso percurso acadêmico; mas decidimos estudar, pesquisar e escrever sobre algo que muitas vezes não concordamos em nossas práticas e estágios e assim decidimos aprofundar a passagem da Educação Infantil para o 1º Ano do Ensino Fundamental, para tanto formulamos as seguintes questões: Crianças ou alunos? O brincar no desenvolvimento infantil, deve ser ou não uma preparação para o 1º Ano do Ensino Fundamental? O que dizem os documentos legais? Como tratam, e como a escola está acolhendo esses sujeitos infantis?

Em decorrência dessas perguntas foram explicitados os seguintes objetivos específicos: Conhecer a proposta da escola diante a Educação Infantil e ao primeiro ano do Ensino Fundamental, assim como conhecer a prática pedagógica dos professores envolvidos. Compreender que o brincar é fonte de várias descobertas e que permite que a criança possa aprender com regras, costumes e valores, correlacionando o seu dia a dia com o prazer da brincadeira. Entender que a brincadeira desenvolve a capacidade social e moral, ensinando regras e limites; que a criança no brincar consegue expressar seus sentimentos, experiências e vivências.

Entender e compreender que a transição da Educação Infantil para o primeiro ano do Ensino Fundamental, sofre uma grande ruptura, em que o universo da criança era o lúdico com jogos e brincadeiras e se transforma em algo totalmente adverso, tornando-se algo bem mais complexo. Levando em conta a visão do pedagogo, assim como o que a escola traz em seus documentos para conhecer os sujeitos envolvidos. Como título do Trabalho de Conclusão de Curso, elenquei *“Da Educação Infantil para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental: O que prescreve os documentos legais, e o que faz a escola?”*

A metodologia de pesquisa foi desenvolvida a partir de análises e reflexões de práticas e vivências, de forma exploratória e descritiva, que buscou compreender como estão sendo acolhidos esses sujeitos infantis. Se fez necessário uma abrangente pesquisa bibliográfica, em especial nas abordagens teóricas de Ariés, Redin, Kishimoto, Carvalho, Sacristán, Barbosa a BNCC e outros, para adentrar a realidade das escolas, e compreender a relação entre o chão da escola e o teórico referente a essa ruptura.

Inicialmente apresento as notas introdutórias, em seus questionamentos e dúvidas quanto ao tema, e opção metodológica. O primeiro capítulo explicita questões sobre as concepções de criança e infância. Já o segundo capítulo trará o estudo dos documentos legais e como a escola está se relacionando com tais documentos.

O terceiro e último capítulo será a relação entre as práticas desenvolvidas pelas escolas públicas municipais nas quais atuei por meio dos estágios e programas institucionais de iniciação à docência como o PIBID, e o programa Residência Pedagógica¹, refletindo sobre a minha atuação e constituição docente, na mesma medida que busco mostrar alternativas e sugestões que permitirão uma visão geral e dinâmicas e que poderão ajudar no dia a dia do professor/alfabetizador juntamente com as crianças. Explícito a visão enquanto Pedagoga, e as minhas experiências e vivências constituídas ao longo do percurso da graduação, tendo como foco as crianças enquanto sujeitos de direitos em ambas as etapas da Educação Básica.

¹ O Programa de Residência Pedagógica é uma das ações que integram a Política Nacional de Formação de Professores e tem por objetivo induzir o aperfeiçoamento da formação prática nos cursos de licenciatura, promovendo a imersão do licenciando na escola de educação básica, a partir da segunda metade de seu curso.

1 HISTÓRICO E CONCEPÇÃO DE CRIANÇA E INFÂNCIA

*“Prestem atenção no que eu digo, pois eu não falo por mal:
os adultos que me perdoem,
mas ser criança é legal!
Vocês já esqueceram, eu sei.
Por isso vou lhes lembrar:
pra que ver por cima do muro,
se é mais gostoso escalar?
Pra que perder tempo engordando,
se é mais gostoso brincar?
Pra que fazer cara tão séria,
se é mais gostoso sonhar?
Quando julgarem o que faço,
olhem seus próprios narizes:
lá no seu tempo de infância,
será que não foram felizes?
Mas se tudo o que fizeram
já fugiu de sua lembrança,
fiquem sabendo o que quero:
mais respeito, eu sou criança!”*

O desejo do My Space nas palavras de Pedro Bandeira (2009, p.09)

Estamos vivendo o século das crianças, o mundo está discutindo sobre a infância, dessa forma as crianças estão no centro das atenções e dos cuidados dos adultos. De um ser sem importância, a criança passa a ocupar um destaque na sociedade e a humanidade passa a lhe lançar um novo olhar.

Segundo Ariés, (1978), até o século XVII, a socialização da criança, a transmissão de valores e de conhecimentos não eram assegurados pelas famílias, as crianças eram afastadas de seus pais e passavam a conviver com os adultos, ajudando-os em suas tarefas, assim a criança passava direto para a vida adulta. Ariés (1978) em seus estudos destaca que a,

[...]afetividade era demonstrada, principalmente, por meio da valorização que a educação passou a ter. A aprendizagem das crianças, que antes se dava na convivência das crianças com os adultos em suas tarefas cotidianas, passou a dar-se na escola. O trabalho com fins educativos foi submetido pela escola[...]. As crianças foram então separadas dos adultos até estarem “prontas” para a vida em sociedade (ARIÉS,1978, p.33).

A Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica, é a base para todo o desenvolvimento, na Educação Infantil é importante que se reconheça essas crianças enquanto sujeitos de direitos e dizer que a infância é um dos períodos que caracteriza a vida humana, com suas especificidades que precisam ser conhecidas e respeitadas. Porque a criança não pode ser entendida e vista só como uma semente, ela é cidadã de direitos e cultura com suas capacidades de criar e imaginar.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação LDB (2018) a Educação Básica é obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade para todos os sujeitos. Acredita-se que essa entrada mais cedo na escola não significa que a Educação Infantil deva ser a preparação para os Anos Iniciais, mas sim pode ser um caminho articulador pautado na lógica dos sujeitos, centrada na ação educativa em um ambiente de acolhimento, de segurança e de confiança o qual oportuniza e desafia a vivência, de experiências, de satisfação, de necessidades, como também a expressão de desejos e sentimentos.

A obrigatoriedade das crianças de 6 anos de idade no primeiro ano do Ensino Fundamental, tem provocado muitos rumores e questionamentos, tanto na Educação Infantil quanto ao Ensino Fundamental de nove anos, especialmente em relação às práticas pedagógicas, ou seja na preparação da Educação Infantil para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, me pergunto, a Educação Infantil, precisa ser de fato uma preparação para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental? Pois sabemos que na infância as crianças vivenciam momentos de encanto, fantasias, aprendizagens, através de brincadeiras, brinquedos e jogos. Devemos resgatar estas vivências valorizando as experiências e o conhecimento já adquirido pelas crianças no seu cotidiano e assim ampliar suas capacidades e possibilidades de pensar, agir, ser e conviver.

Acreditamos ser necessário uma atenção especial, no sentido aos quais elas possam “pintar e bordar”, ou seja manipular, manusear, conhecer, reconhecer, explorar, sentir tudo que estão fazendo e o que está a sua volta, assim construir a sua aprendizagem de forma lúdica e prazerosa, tornando o seu dia a dia mais feliz e significativo.

Nos primeiros anos de vida da criança tudo é novo, incluindo coisas e pessoas, então é necessário proporcionar vivências e experiências que priorizem o contato com a descoberta e a exploração de todas essas novidades. Redin reitera que a,

Educação Infantil que desejamos é aquela que privilegia existência plena da criança naquilo que lhe é próprio e específico, sem desistências, com concessões nem transferências. [...]A escola proposta é um lugar de satisfação, altamente gratificante, não para mais tarde, mas imediatamente gratificante. Não estar na escola, no momento, seria estar se privando de grande satisfação. (REDIN,1998, p.71)

Sinto-me incomodada pelo fato de que algumas instituições de Educação Infantil estejam tão preocupadas em ser “escola”, não permitindo que as crianças possam viver seus momentos de prazer na sua plenitude usando os espaços destinados a essa etapa da Educação Básica, fazendo uso desses espaços como espaço de aprisionamento. A Educação Infantil é tempo de brincar, de ser feliz, é o momento em que a criança pode divertir-se de um jeito diferente, levando a sério a missão de ser criança contente.

Strenzel (2000) comenta que as pesquisas mais recentes têm se preocupado com a crítica ao modelo escolar pautado em mecanismos cognitivos. Tais pesquisas reafirmam uma prática pedagógica em que a criança é vista como sujeito social, dando ênfase a suas manifestações espontâneas, preservando sua identidade social e respeitando seus direitos e suas diferenças quanto a manifestação de seu conhecimento. A crítica seria baseada em conceitos Piagetianos os quais fazem referência aos mecanismos cognitivos dizendo que os sujeitos não nascem prontos, tornam-se através da construção a partir da interação, sendo que a criança tem a sua própria cultura, seu próprio modo de ver o mundo, sendo produtora do seu próprio conhecimento.

Cada escola ao desenvolver seu próprio projeto pedagógico, revela valores, opta por currículos e práticas veiculadas pela sociedade. Kishimoto (2000) demonstra, assim, o quanto o espaço físico da sala de aula, a presença de brinquedos e de materiais pedagógicos é resultado de concepções acerca da criança, da Educação Infantil e das funções da escola. Um dos grandes desafios, portanto, é a busca do desenvolvimento de uma educação de qualidade em sentido amplo, que respeite as características próprias da criança.

Segundo Carvalho (2006) o professor que sabe integrar o afeto, inteligência e imaginação no convívio com os pequenos, estabelece vínculo afetivo e dá-lhes a certeza que neste mundo ainda se pode confiar nos adultos. Nesse sentido faz-se necessário uma pedagogia com escuta, olhar atencioso e prestativo com competência

para que essa pedagogia possa contemplar e valorizar a todas as situações em que a criança realiza em seu cotidiano.

Ao analisarmos as salas do primeiro ano do Ensino Fundamental em um contexto geral em que as crianças são tratadas como robózinhas, nos damos conta que, todos enfileirados cada qual em seu lugar sem ao menos poder falar, pensar, brincar, passam rapidamente de crianças para alunos, ocorrendo uma grande ruptura, em que o universo da criança era lúdico, com jogos e brincadeiras e se transforma em algo totalmente diferente tornando sério e complexo, ocorrendo mudanças do tempo, tempo de brincar, falar e expressar-se.

[...] a criança, que tem capacidade extraordinária como dança, canto, e desenho, perde em poucos meses toda a sua riqueza. Sua criatividade cai numa espécie de grau zero; ela começa a fazer desenhos estereotipados, se modeliza segundo as atitudes dominantes (GUATTARI, 2008, p.115).

Entremos então nas escolas e tomemos a categoria da cultura escolar como elemento de análise; para tal, vejamos a escola como instituição que possui discursos e formas de ação construídas historicamente, decorrentes dos confrontos e conflitos provocados pelo choque entre as determinações externas a ela e às suas tradições, as quais se refletem na organização e gestão, nas práticas cotidianas, nas salas de aula, nos pátios e corredores.

Um dispositivo da cultura escolar que merece uma análise específica, por suas consequências estruturais, é o currículo. Para Sacristán (2000), ele é expressão de um equilíbrio entre interesses que atuam sobre o sistema educativo e realiza os fins da educação no ensino escolarizado. Sua proposta é tomá-lo como artefato cultural que precisa ser decifrado, já que é carregado de valores. Não é suficiente analisá-lo em sua acepção mais direta, como “seleção particular de cultura [...] conteúdos intelectuais a serem aprendidos” (2000, p. 18), pois os currículos – especialmente os da educação obrigatória – traduzem um projeto socializador desempenhado pela escola.

A escola educa e socializa por mediação da estrutura de atividades que organiza para desenvolver os currículos que têm encomendados, função que cumpre através dos conteúdos e das formas destes e também pelas práticas que se realizam dentro dela. (SACRISTÁN, 2000).

Acredita-se que a contação de história pode ser um sedutor recurso de atrair as crianças ao mundo da leitura, encantadas com as histórias ouvidas, podem descobrir o caminho dos livros, o encanto deve estabelecer uma relação ativa que possa facilitar a execução das atividades, mas sempre tentando ouvir as crianças, fazendo registro de dados e as opiniões sobre a história contada, para que possam trazer um olhar crítico, participativo e solidário as crianças e que possa favorecer a construção de valores. Qualquer sujeito se não for incentivado, será contaminado com aquilo já existente, sendo assim o professor dos Anos Iniciais deve ter um olhar de carinho e atenção no sentido de não deixar acabar a infância de nossas crianças.

Faz-se necessário que a transição da Educação Infantil para o primeiro ano do Ensino Fundamental, seja um ano de experiências, mas que não seja simplesmente um marco de ruptura, que seja dançante, cantante e desenhante, onde as crianças possam ser “crianças” e não “alunos”. As professoras podem criar, perguntar, discutir a partir de hipóteses das crianças, para que dessa forma possam facilitar a transição e a construção de nossas crianças a produtoras de leitura e escrita, com alegria e entusiasmo.

2 O QUE DIZEM OS DOCUMENTOS LEGAIS? E COMO ESTÃO ACOLHENDO ESTES SUJEITOS INFANTIS?

O Direito das Crianças

*Toda criança no mundo
Deve ser bem protegida
Contra os rigores do tempo
Contra os rigores da vida.*

*Criança tem que ter nome
Criança tem que ter lar
Ter saúde e não ter fome
Ter segurança e estudar.*

*Não é questão de querer
Nem questão de concordar
Os direitos das crianças
Todos têm de respeitar.*

*Tem direito à atenção
Direito de não ter medos
Direito a livros e a pão
Direito de ter brinquedos.*

*Mas criança também tem
O direito de sorrir.
Correr na beira do mar,
Ter lápis de colorir...*

*Ver uma estrela cadente,
Filme que tenha robô,
Ganhar um lindo presente,
Ouvir histórias do avô.*

*Descer do escorregador,
Fazer bolha de sabão,
Sorvete, se faz calor,
Brincar de adivinhação.*

*Morango com chantilly,
Ver mágico de cartola,
O canto do bem-te-vi,
Bola, bola, bola, bola!*

*Lamber fundo da panela
Ser tratada com afeição
Ser alegre e tagarela
Poder também dizer não!*

*Carrinho, jogos, bonecas,
Montar um jogo de armar,
Amarelinha, petecas,
E uma corda de pular.*

*Um passeio de canoa,
Pão lambuzado de mel,
Ficar um pouquinho à toa...
Contar estrelas no céu...*

*Ficar lendo revistinha,
Um amigo inteligente,
Pipa na ponta da linha,
Um bom dum cachorro quente.*

*Festejar o aniversário,
Com bala, bolo e balão!
Brincar com muitos amigos,
Dar pulos no colchão.*

*Livros com muita figura,
Fazer viagem de trem,
Um pouquinho de aventura...
Alguém para querer bem...*

*Festinha de São João,
Com fogueira e com bombinha,
Pé-de-moleque e rojão,
Com quadrilha e bandeirinha.*

*Andar debaixo da chuva,
Ouvir música e dançar.
Ver carreira de saúva,
Sentir o cheiro do mar.*

*Pisar descalça no barro,
Comer frutas no pomar,
Ver casa de João-de-barro,
Noite de muito luar.*

*Ter tempo pra fazer nada,
Ter quem penteie os cabelos,
Ficar um tempo calada...
Falar pelos cotovelos.*

*E quando a noite chegar,
Um bom banho, bem quentinha,
Sensação de bem-estar...
De preferência um selinho.*

*Uma caminha macia,
Uma canção de ninar,
Uma história bem bonita,
Então, dormir e sonhar...*

*Embora eu não seja rei,
Decreto, neste país,
Que toda, toda criança
Tem direito a ser feliz!!!*

Ruth Rocha

Ruth Rocha com a sua poesia, traz a infância como etapa única, empolgante e criativa, percorrendo em versos os direitos das crianças. Entre as rimas vemos a concepção da autora de criança plena em suas capacidades e possibilidades, e o adulto é o responsável por garantir essa diversidade. Para entender melhor os direitos da criança mais especificamente no campo da educação, buscamos referências na BNCC.

A Base Nacional Comum Curricular, é documento de caráter normativo, traz base as aprendizagens necessárias, para todos os sujeitos desenvolver ao longo de

toda a Educação Básica. Garantindo os direitos quanto a aprendizagem e desenvolvimento, a BNCC, é válida para as redes de ensino Municipais, Estaduais e particulares, criando uma unidade, e diálogo entre as realidades das instituições no que tange o ensino aprendizagem considerando a etapa em que os sujeitos se encontram.

A BNCC por si só não alterará o quadro de desigualdade ainda presente na Educação Básica do Brasil, mas é essencial para que a mudança tenha início porque, além dos currículos, influenciará a formação inicial e continuada dos educadores, a produção de materiais didáticos, as matrizes de avaliações e os exames nacionais que serão revistos à luz do texto homologado da Base (BNCC,2017, p.5).

A BNCC proporciona um caminho pedagógico aos docentes, fornecendo bibliografia para estudos, tanto para os que estão atuando nas instituições de ensino, como para os em formação inicial. Uma educação que promova a equidade² é pauta deste documento.

2.1 O que os documentos legais falam sobre a educação infantil

As Instituições responsáveis por atender as crianças da Educação Infantil são as creches e pré-escolas, sendo o Município encarregado dessa etapa da Educação Básica. Como eixos estruturantes destaca-se as interações e brincadeiras, sem deixar de lado o cuidar e educar, isso requer acolher as crianças em sua inteireza e considerar as suas vivências. Os sujeitos dessa etapa tem de zero a cinco anos e onze meses,

É na educação infantil que a crianças aprenderá, pelo brincar, através do lúdico, a construir suas relações sociais, a interagir com o meio, a conhecer os seus limites, construir o seu mundo, desenvolver suas habilidades e conhecimentos, criar regras, reinventar seu dia a dia (KRAMER, 2005, p.132).

A Base Nacional contempla seis direitos à aprendizagem sendo eles o conviver, o brincar, a participação, explorar, expressar e conhecer-se. O conviver enfatiza as

² Se refere à capacidade de apreciar e julgar com retidão, imparcialidade e justiça. A equidade adapta a regra a um caso específico, a fim de deixá-la mais justa. Ela é uma forma de se aplicar o Direito, mas sendo o mais próximo possível do justo para as duas partes.

diferentes maneiras e linguagens de interação entre os pares. É pelo brincar que se conhece e reconhece através da sua imaginação e criatividade, pela participação as crianças tornam-se protagonistas, planejam suas atividades e brincadeiras, dessa forma elaboram o seu próprio conhecimento. Os sujeitos infantis assimilam os movimentos, gestos, sons, histórias e objetos, explorando os seus saberes, e interagindo com o repertório cultural existente. O expressar-se ocorrer por meio das diferentes linguagens, pelo qual os sujeitos trabalham várias expressões, sentimentos e desejos, aprendendo a compreender a si e aos outros, o conhecer-se é a maneira pela qual cada um reconhece e constrói a sua identidade pessoal e cultural, através de interações e brincadeiras,

[...] a organização curricular da Educação Infantil na BNCC está estruturada em cinco campos de experiências, no âmbito dos quais são definidos os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento. Os campos de experiências constituem um arranjo curricular que acolhe as situações e as experiências concretas da vida cotidiana das crianças e seus saberes, entrelaçando-os aos conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural. (BNCC, 2017, p.40)

Os campos de experiência são, O eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e forma; Escuta, fala, pensamento e imaginação, Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações. Esse arranjo curricular possibilita as situações e da vida cotidiana dos sujeitos e seus saberes, considerando seus conhecimentos e sua cultura, dessa forma essas experiências adquiridas na sua vida cotidiana que as levam a aprendizagem através do convívio embasadas nos cinco campos de experiência.

É por meio das linguagens que as crianças conseguem expressar seus sentimentos e desejos, suas interações, explorando gestos, sons, e seu próprio corpo. Através dessas interações as crianças conseguem construir novos conhecimentos, sendo na roda de conversa, na brincadeira, pela contação de história, sobre isso a Base Nacional Comum Curricular, nos diz que,

Na Educação Infantil, as aprendizagens essenciais compreendem tanto comportamentos, habilidades e conhecimentos quanto vivências que promovem aprendizagem e desenvolvimento nos diversos campos de experiências, sempre tomando as interações e a brincadeira como eixos estruturantes. Essas aprendizagens, portanto, constituem-se como objetivos de aprendizagem e desenvolvimento (BNCC,2017, p. 44).

A Educação Infantil tem sua intencionalidade educativa, cabendo ao educador acompanhar o trabalho com as crianças para que as mesmas tenham oportunidades e capacidades de aprender e desenvolver-se, sendo assim o docente precisa organizar, planejar práticas educativas e interações, que consideram as necessidades das crianças e os documentos norteadores.

2.2 Como os documentos legais entendem o ensino fundamental

O Ensino Fundamental de Nove Anos com relação a BNCC, faz-se necessário, que o sistema de ensino garanta aos ingressantes nove anos de estudos nessa etapa da educação básica, para tanto, os sistemas deveriam assegurar as aprendizagens necessárias para que as crianças de seis anos de idade que passam a fazer parte desta etapa da Educação Básica; é válido destacar que a Educação Infantil não tem como propósito preparar as crianças para o Ensino Fundamental, pois a Educação Infantil tem os seus objetivos próprios que devem ser alcançados através do respeito, do cuidado e da educação em tempo singular da primeira infância.

Nesse sentido, espera-se que a BNCC ajude a superar a fragmentação das políticas educacionais, enseje o fortalecimento do regime de colaboração entre as três esferas de governo e seja balizadora da qualidade da educação. Assim, para além da garantia de acesso e permanência na escola, é necessário que sistemas, redes e escolas garantam um patamar comum de aprendizagens a todos os estudantes, tarefa para a qual a BNCC é instrumento fundamental. (BNCC,2017, p. 8)

Sendo assim acreditamos que não se trata de reunir conteúdos das duas etapas da Educação Básica, e sim construir propostas pedagógicas que possam tratar das especificidades e que também atendam a possibilidade da qualificação do ensino. Em fevereiro de 2006, a Lei número 11.274 institui o Ensino Fundamental de Nove Anos, com a aprovação dessa lei baseiam-se na urgência da construção de uma escola inclusiva, cidadã, solidária e de qualidade, especialmente para aquelas crianças que se encontram nas classes populares, pois a grande parte das crianças de seis anos pertencentes às classes médias ou alta já se encontravam na Educação Infantil ou na primeira série do Ensino Fundamental. Nesse sentido iniciou-se uma nova política de ampliação do Ensino Fundamental, permeada de muitas dúvidas e

questionamentos quanto às propostas pedagógicas que abranjam as especificidades e subjetividades dessas crianças que ficarão por mais tempo na escola.

O Ensino Fundamental garante a continuidade de abrangência das aprendizagens e que tenham como princípio o respeito a essas particularidades da infância, pautada por currículo sólido, que contemple os tempos, e espaços da escola e da sala de aula. Pois nesse período da vida as crianças vivem mudanças importantes em relação ao seu desenvolvimento, como destacam as DCN, Diretrizes Curriculares Nacionais, permitindo assim,

[...] a maior desenvoltura e a maior autonomia nos movimentos e deslocamentos ampliam suas interações com o espaço; a relação com múltiplas linguagens, incluindo os usos sociais da escrita e da matemática, permite a participação no mundo letrado e a construção de novas aprendizagens, na escola e para além dela; a afirmação de sua identidade em relação ao coletivo no qual se inserem resulta em formas mais ativas de se relacionarem com esse coletivo e com as normas que regem as relações entre as pessoas dentro e fora da escola, pelo reconhecimento de suas potencialidades e pelo acolhimento e pela valorização das diferenças. (BNCC,2017, p. 58)

Nessa etapa, os dois primeiros anos tem como foco a alfabetização das crianças, ou seja, a apropriação do sistema da escrita alfabética, para dar conta desse desafio cabe ao docente, criar pontes ou meios que articulem a realidade dentro e fora da sala de aula, trazendo materiais que contemplem a diversidade da sociedade, que os alunos possam pontuar ações desejáveis para ler e escrever seus próprios textos. Para além da alfabetização, pretende-se a progressão do conhecimento, que efetiva-se com a consolidação das aprendizagens já construídas na etapa anterior, ou seja, na Educação Infantil, a BNCC referente ao Ensino Fundamental diz que,

Ampliam-se a autonomia intelectual, a compreensão de normas e os interesses pela vida social, o que lhes possibilita lidar com sistemas mais amplos, que dizem respeito às relações dos sujeitos entre si, com a natureza, com a história, com a cultura, com as tecnologias e com o ambiente (BNCC, 2017, p.59).

É inegável a importância da apropriação do sistema alfabético de escrita, mas a inserção social do leitor no mundo da escrita deve ter continuidade com intervenções didáticas sequenciadas e pautadas nos diferentes gêneros discursivos, visando à formação do leitor crítico. Assim, alfabetizar não se reduziria ao domínio das primeiras

letras, envolveria também saber utilizar a língua escrita nas situações em que esta é necessária.

2.3 A abordagem dos documentos referente a transição da educação infantil para os anos iniciais do ensino fundamental

As crianças durante o seu percurso na Educação Infantil vivenciam o lúdico, por meio de planejamentos pedagógicos intencionais que tem as brincadeiras e interações como norteadores. Suas vivências são consideradas, e as famílias se fazem presente na educação dos seus pequenos, e já no último ano da Educação Infantil as crianças criam expectativas quanto a sua nova escola, e as mudanças que essa etapa acarreta. Referente a essa fase a BNCC explicita que,

A transição entre essas duas etapas da Educação Básica requer muita atenção, para que haja equilíbrio entre as mudanças introduzidas, garantindo integração e continuidade dos processos de aprendizagens das crianças, respeitando suas singularidades e as diferentes relações que elas estabelecem com os conhecimentos, assim como a natureza das mediações de cada etapa. Torna-se necessário estabelecer estratégias de acolhimento e adaptação tanto para as crianças quanto para os docentes, de modo que a nova etapa se construa com base no que a criança sabe e é capaz de fazer, em uma perspectiva de continuidade de seu percurso educativo (BNCC,2017, p. 53).

A transição entre as duas etapas, Educação Infantil e Ensino Fundamental requer um olhar atento para garantir as especificidades educacionais, atenta às necessidades infantis. Levando-se em conta que os pequenos deixam a Educação Infantil em novembro e em fevereiro ingressam no Ensino Fundamental e assim passam a serem em poucos meses de crianças para alunos e se deparam com uma diversidade de coisas novas que, não faziam parte de suas rotinas, como por exemplo quadro, cadernos, classes enfileiradas, horários de brincadeiras reduzidos, pracinha somente uma vez por semana, se não chover ainda, sem falar nas atividades. Motta (2011, p.166) diz que “O primeiro dia de aula marco de uma drástica ruptura com o trabalho desenvolvido. As crianças não sabiam o que fazer, as carteiras arrumadas enfileiradas...abaixar a cabeça e esperar não faz parte do repertório do ano anterior.”

Lendo e analisando a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), percebe-se que o documento foi pouco explorado quanto a transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, acreditamos que poderia ser mais aprofundado, dialogando com o cotidiano, devido a importância dessa etapa na constituição emocional, cognitiva e social dos sujeitos que estão ingressando nessa etapa. A BNCC é referência na construção dos currículos escolares, e planejamentos de práticas pedagógicas, logo o docente que atua nos primeiros Ano do Ensino Fundamental necessitaria de um suporte maior para que assim o profissional possa ter um empoderamento por parte da BNCC.

O objetivo da Educação Infantil em relação ao conhecimento e a aprendizagem, é o de contribuir com as experiências e que as mesmas possam estar permitindo a imersão, o início de um trajeto na sociedade, de forma que cada indivíduo contribui com suas culturas, suas linguagens expressando e construindo seus significados e sentidos. Para tanto o docente necessita conhecer em profundidade esse sujeito, os seus saberes, o seu cotidiano, para dar continuidade na construção dos conhecimentos,

Além disso, para que as crianças superem com sucesso os desafios da transição, é indispensável um equilíbrio entre as mudanças introduzidas, a continuidade das aprendizagens e o acolhimento afetivo, de modo que a nova etapa se construa com base no que os educandos sabem e são capazes de fazer, evitando a fragmentação e a descontinuidade do trabalho pedagógico. (BNCC, 2017, p. 53)

Ao tentarmos contemplar esta criança que é real, que vive e produz cultura, consideramos a importância de as escolas se reinventar, articulando-se com bases sólidas e transformando os ambientes e espaços no sentido de uma educação digna, pública e de qualidade, explorando a emoção e o corpo, a cognição, a cultura, imaginação e fantasia, com propostas pedagógicas que possam estar promovendo com cuidado, atenção a educação de nossas crianças em um universo prazeroso embasado em uma cultura de escuta e conversa.

A educação no Brasil é incumbência do Estado, sendo pública, laica e obrigatória para sujeitos com a faixa etária entre 4 e 18 anos incompletos, baseada em princípios éticos, estéticos e políticos. O processo de transição entre a Educação Infantil e os Anos Iniciais, é vivida por todas crianças, e envolve fatores importantes, como a mudança de ambiente, se pensarmos uma sala de aula de Educação Infantil,

vemos a sua estrutura organizada respeitando as infâncias, o que requer até móveis adaptados à altura desses sujeitos, já na nova etapa as classes escolares são bem maiores, com o agravante da maioria das instituições de ensino utilizam as mesmas do 1º ano até o 9º ano do Ensino Fundamental, com exceções em algumas escolas e redes de ensino.

Os conteúdos escolares passam a ser mais extensos, com isso o docente utiliza o quadro para a escrita, destacando que esse não é um objeto presente na Educação Infantil, o brincar que antes era centralidade do processo educativo, torna-se limitado e cronometrado, tendo horário e local para tal, ocorrendo um engessamento da rotina e ruptura com o lúdico. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica, compreende a criança da Educação Infantil como,

A criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que se desenvolve nas interações, relações e práticas cotidianas a ela disponibilizadas e por ela estabelecidas com adultos e crianças de diferentes idades nos grupos e contextos culturais nos quais se insere. Nessas condições ela faz amizades, brinca com água ou terra, faz-de-conta, deseja, aprende, observa, conversa, experimenta, questiona, constrói sentidos sobre o mundo e suas identidades pessoal e coletiva, produzindo cultura. (DCNEB, 2013 p.86)

Os Anos Iniciais de Nove Anos atendem a faixa etária de crianças e adolescentes entre seis anos e quatorze anos, tendo uma carga horária de 800 horas distribuídas em 200 dias letivos. Essa etapa pretende contemplar a diversidade sociocultural para promover aprendizagens significativas, assim as DCNEB entendem os sujeitos dessa etapa como,

Os alunos do Ensino Fundamental regular são crianças e adolescentes de faixas etárias cujo desenvolvimento está marcado por interesses próprios, relacionado aos seus aspectos físico, emocional, social e cognitivo, em constante interação. Como sujeitos históricos que são, as características de desenvolvimento dos alunos estão muito relacionadas com seus modos próprios de vida e suas múltiplas experiências culturais e sociais, de sorte que mais adequado seria falar de infâncias e adolescências no plural. (DCNEB, 2013, p.110)

Observa-se que ambas as concepções reconhecem como sujeitos históricos de direitos, e com cultura própria, contudo os sujeitos da Educação Infantil são vistos primeiro enquanto crianças, já no Ensino Fundamental os sujeitos são conceituados como alunos para posteriormente serem reconhecidos como crianças ou

adolescentes. Mas ambas as concepções norteiam um fazer pedagógico que respeite os sujeitos, validando os seus saberes, e de acordo com a BNCC em específico na Educação Básica,

As características dessa faixa etária demandam um trabalho no ambiente escolar que se organize em torno dos interesses manifestos pelas crianças, de suas vivências mais imediatas para que, com base nessas vivências, elas possam, progressivamente, ampliar essa compreensão, o que se dá pela mobilização de operações cognitivas cada vez mais complexas e pela sensibilidade para apreender o mundo, expressar-se sobre ele e nele atuar. (BNCC, 2017, p. 58)

O foco nas experiências dos sujeitos, e um fazer pedagógico baseado no diálogo e escuta sensível, é desejável em todas as etapas da Educação Básica, mais em especial nessa transição, pois significa o respeito às crianças em sua infância. O processo de inserção dos sujeitos nessa nova etapa requer preparo docente, olhar atencioso, acolhimento e espaços apropriados que respeitem os direitos de aprendizagens desses, com isso os sujeitos são reconhecidos como crianças e/ou adolescentes e não só como alunos.

3 ANÁLISE A PARTIR DAS PRÁTICAS DE ESTÁGIOS E PESQUISAS DA TRANSIÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA OS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE NOVE ANOS

"Brincar com crianças não é perder tempo, é ganhá-lo; se é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda é vê-los sentados enfileirados em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem." Carlos Drummond de Andrade

Durante nossa vida acadêmica temos como um dos saberes iniciais a ideia de que pedagogia é pesquisar, com um fazer pedagógico pautado no diálogo, por meio dos estágio construímos saberes docentes, fazendo desse espaço um campo de pesquisa. Os estágio enquanto campo de pesquisa nos oportunizam a transformação de vivências em experiências, por meio da práxis, toda teoria torna-se viva em nossas práticas, as quais só ganham significados pela reflexão crítica de nossa própria ação, ou seja, pela pesquisa no vivido.

Deparamo-nos com várias pesquisas a partir da concepção de conhecer a realidade da educação, desde o que significa este conhecimento, o que é aprendizagem, ensino, interdisciplinaridade e o principal, é, quem são estes sujeitos com os quais trabalhamos e desenvolvemos nossos conhecimentos, realizando a práxis, refletindo a prática na teoria, uma construção contínua de saber de ambas as pessoas em que se apropriam da educação. A partir disso, passamos a entender qual é a importância deste saber através de todas as experiências em que temos na interação com nossos pares dentro de nossos estágios.

A pesquisa nos desperta o desejo em ser professor, que é uma formação em contínuo processo, pesquisar é conhecer com quem trabalhamos, desenvolvemos nossos trabalhos. Mas acima de tudo pesquisar é conhecermos a si mesmos, conhecermos o nosso trabalho e é assim que daremos início ao nosso referencial teórico, uma produção de pesquisa através de conhecimentos e experiências que tivemos ao longo do curso e expectativa que teremos a partir das vivências de nosso estágio.

Conhecer as crianças de hoje é o principal saber, o qual devemos buscar em nossas pesquisas pois, a pesquisa é o princípio da formação e o significado do ser professor. Devemos levar em conta sua história, sua produção de cultura e de direitos.

Na idade média a criança era vista como um adulto em miniatura, um ser inacabado, inserido no mundo adulto assim que pudesse realizar alguma tarefa, sem nenhuma preocupação em relação a sua formação enquanto um sujeito.

Levar em conta a sua história a sua produção de cultura e de direito, conhecer a criança é o que caracteriza a prática docente de um professor. Pois os saberes sobre a infância são necessários e com tudo precisam ser constantemente questionados, estamos vivendo o global, um mundo de transformações. Conhecer a criança que está imersa neste movimento se torna uma tarefa difícil, muitas vezes nós adultos não sabendo lidar com este novo contexto de infância. Por isso o significado da pesquisa aqui se torna relevante, conhecer e reconhecer esta criança. É preciso amá-la, entendê-la para melhor conviver, mudar o modo de pensar sobre as crianças de ouvir e talvez “exigir” menos.

Pensamos que cada criança deve ser vista como alguém com capacidade para expressar-se. Nesse sentido, precisamos utilizar metodologias de pesquisas que permitam atentar para possibilidade de inventarmos novos territórios, novos questionamentos, novos caminhos investigativos com as crianças para estarmos com elas, o que nos possibilita pensar como as crianças se constituem, significam e reafirmam seus modos de ser criança.

A partir desta concepção de criança, de transformação de infância, ensinar se torna uma arte, educar é ensinar novas possibilidades de se viver neste mundo global de transformações e conhecimento dentro da cultura que lhe é inserida. Humanizar o sujeito. Reconhecer o mundo em suas experiências, e as transforma-las em aprendizado.

Para Vygotsky (1987) a criança inicia seu aprendizado muito antes de chegar à escola, mas a aprendizagem escolar, vai introduzir elementos novos ao seu desenvolvimento. A aprendizagem é um processo contínuo e a educação é caracterizada por saltos qualitativos de um nível de aprendizagem a outro, daí a importância das relações sociais. Contudo, ensinar é o que move a ação educativa, é o brilho no olhar, o sonho de conhecer, é entender esta criança com a curiosidade, despertar o interesse em aprender, é pesquisar, é ser professor.

Ser mediador de uma aprendizagem, ter a metodologia que reflete em sua condução de processo educativo. É na relação intersubjetiva, no campo da ação do conhecimento que se dá à formação docente de um professor, são os frutos de lutas

e conquistas que surgem e lhe dão a produção de saber nas pesquisas, vivências e experiências de vida, um eterno processo de construção de conhecimento.

Sabe-se que aprender com os outros, construir conhecimentos e transmiti-lo é uma característica do humano. As gerações mais velhas orientam ensinam as gerações mais novas as suas experiências de vida, inclusive métodos e caminhos pelos quais podem reconstruir o conhecimento, construir novos conhecimentos a respeito da realidade que a cerca seja essa realidade social ou natural. Isto é, faz parte da educação o ensino do aprender a aprender, permitindo ao aprendiz um papel ativo e crítico na construção de seu conhecimento. E o professor usa destes conhecimentos, de pesquisas para se tornar autor de sua própria metodologia.

Enquanto acadêmica, estagiária, e bolsista PIBID e do Residência Pedagógica, o sonho por esta profissão nos constitui professoras, não são só os saberes e uma boa formação, mas sim, nossa vontade de levar adiante uma pesquisa em um projeto de ensinar e aprender com as crianças. Ter a humildade de compartilhar e compreender as crianças, uma socialização de conhecimento. Saber propor um modo próprio e criativo em teorizar o ensino e praticá-lo, sendo assim um intercâmbio cultural e intercultural de conhecimento.

Conhecer a realidade e o contexto da cultura da criança torna o educador olheiro, e participativo, não deixa a rotina atrapalhar o ritmo das crianças, pois ele acredita que os anseios, o aprender da criança devem ser levados em conta a partir de seus direitos, direito de ser criança e viver sua infância no conviver, brincar, explorar, participar, comunicar e conhecer-se. Ensinar é reconstruir conhecimento, preparar aulas com intenção, possibilidade e reconhecer a importância do componente curricular, ser autocrítico em seu trabalho, investigar, olhar, escutar a construção de conhecimento perante o seu modo de ensinar.

3.1 A educação infantil em seu cotidiano, a compreensão do sujeito enquanto criança

Através de estágios e projetos nos quais nos inserimos durante a graduação, ou seja, nas práticas do curso, tivemos a oportunidade da constituição docente pela práxis, transformando as vivências em experiências. As experiências que nos constituem, são base para as reflexões neste trabalho, em um movimento de trazer a

prática para a reflexão teórica de modo crítico e ético, contemplando o conhecimento, a cultura e o respeito com nossas crianças, mas observando-as sempre como sujeitos, plenos de capacidades e direitos, respeitando sempre os seus princípios, com comprometimento quanto a afetividade, planejamento, organização e desenvolvimento cognitivo, social e cultural.

Em uma prática pedagógica durante o estágio de Educação Infantil, com crianças de quatro anos, as literaturas foram escolhidas enquanto atividade lúdica, prazerosa e mediadora de mundo, relato aqui a experiência da contação de história do livro “O Mágico de Oz”, um conto pop-up sendo a primeira edição da Editora Ciranda Cultural e Distribuidora Ltda., 2013- São Paulo- SP. A escolha deste livro deu-se por ele ter as imagens bem coloridas e por ele ser um livro pop-up, achando assim que poderia maravilhar as crianças de maneira dinâmica e surpreendente, na forma em que as ilustrações em dobradura de papel saltam dando movimento e vida à imaginação das crianças. No livro a personagem principal era uma menina” Dorothy” que mora com seu tio Henry e sua tia em uma casa no Kansas/USA. Um dia, um ciclone os atinge e a casa voa pelo céu, chegando a um mundo mágico.

O espaço foi organizado de modo aconchegante, com alguns objetos para um cenário mais propício, as crianças foram convidadas para ouvir a história, prontamente aconchegaram-se em colchonetes, enquanto contadora de história posicionei em frente a elas e deu início a leitura, as crianças ficaram quietas e concentradas, mas uma das meninas era a mais concentrada, seus olhos brilhavam acompanhando as imagens do livro³, interagindo, perguntando e tocando no livro.

³ Imagens de livros, quando apresentamos um livro, um texto, as imagens servem como mediadoras para abrir a porta da interação, a capa é uma janela, se a ilustração da capa é boa, ela pode chamar a atenção e essa janela pode ser aberta ou não, dependendo do interesse de cada leitor.

Imagem 1: Espaço com livros, contação de histórias



Fonte: Próprio da autora.2017.

Todas as crianças participaram, se entregando a imaginação, se prendendo nas imagens, brincando com o narrado. Nota-se tempos de concentração de diferentes níveis, contudo o ato de contação de história faz parte do cotidiano dessas crianças, tendo inclusive espaços com literaturas e brinquedos em sala de aula ao alcance dos pequenos, o que demonstra um fazer pedagógico da professora regente que valoriza a ludicidade. Conforme Horn (2004, p.15),

O olhar de um educador atento é sensível a todos os elementos que estão postos em uma sala de aula. O modo como organizamos materiais e móveis, e a forma como crianças e adultos ocupam esse espaço e como interagem com ele são reveladores de uma concepção pedagógica. Aliás, o que sempre chamou minha atenção foi a pobreza frequentemente encontrada nas salas de aula, nos materiais, nas cores, nos aromas; enfim, em tudo que pode povoar o espaço onde cotidianamente as crianças estão e como poderiam desenvolver-se nele e por meio dele se fosse mais bem organizado e mais rico em desafios.

O adulto ao ler uma história para uma criança ele reconhece a importância e a capacidade em relação ao seu protagonismo, autonomia e como um participante qualificado. A literatura infantil tem um papel importante na vida e na constituição dos

pequenos leitores, é formadora e contribui na subjetividade e desenvolvimento, abrindo novos horizontes, constituindo-se como uma chave de acesso ao mundo da imaginação.

No decorrer do estágio vivenciamos jogos e brincadeiras, para tanto foi necessário observar e analisar os tempos, espaços, e materiais que a escola ofertava aos educandos. Realizamos a dança das cadeiras, brincamos com materiais não estruturados, aproveitando para soltar a imaginação nos cantos temáticos, sendo no canto do “salão de beleza” que as meninas se prendiam em um brincar que explicitava vivências dos seus cotidianos, espelhando-se nas rotinas familiares e ressignificando esse fazer pelo meio do brincar.

Imagem 2: Canto do Salão de beleza.



Fonte: Próprio da autora.2017.

Essa imagem foi registrada no momento em que a criança encontrava-se plena em seu brincar, completamente entregue a personagem que criou. Em frente ao espelho dizia ser a Elsa, já usando seu grande vestido, faltando apenas o batom, contudo ela não se prendeu a elementos trazidos no filme que caracterizam a Elsa

enquanto a princesa com poderes, que vive em um reino, pois segundo a garota, ela era a princesa Elsa e iria salvar umas crianças, assumindo a postura de super-heroína sem poderes, e para que ela tinha um carro super veloz, para chegar antes dos bandidos, logo ela ressignificou a fantasia do filme com fatos de seu dia a dia.

Nesse canto temático, para além de objetos como prendedores de cabelo, pentes, escovas, batons, sombras, perfumes, secadores de cabelo, todos sem o cabo de eletricidade, e o grande espelho, eram ofertados diversos tipos de tecidos, com tamanhos, texturas e cores diferentes. Os tecidos atuam como um elemento desencadeador do brincar, fazendo com que as crianças usem de sua criatividade para tornarem-se personagens e elaborar narrativas, em um brincar livre. Segundo (Vygotsky, 1987. p.91) o brincar é uma atividade humana criadora, na qual a imaginação e a realidade interagem na produção de novas possibilidades de interpretação de expressão e de ação pela criança, assim como de novas formas de construir relações sociais com outros sujeitos, crianças e adultos.

Em outro momento ao propor que registrassem como estava o dia, atividade essa que faz parte da rotina das crianças, pensou-se em espaços e materiais diferentes, algo que fugisse do caderno e lápis de cor, para representar como estava o dia. O espaço escolhido foi a quadra de esportes que é aberta, e o material usado o giz branco para quadro, o qual até o momento era objeto de uso somente da professora, logo despertava a curiosidade dos pequenos.

Ao chegar ao local estipulado, as crianças ficaram maravilhadas com a oportunidade de manusear o giz e ter como suporte de registro a quadra. Os mesmos foram questionados como estava o dia?

- a) Como está o dia de hoje? Está com sol ou está chovendo? (Eu)
- b) Tá com sol (a turma toda concorda)
- c) Eu vou fazer meu sol (criança 1)
- d) Eu vou fazer o sol, a árvore e a grama (criança 2)
- e) Profe, não tem giz colorido? porque eu não quero que o meu sol fique apagado, quero ele fique bem brilhante (crianças 3)

O giz colorido foi providenciado, e colocado à disposição de toda a turma, as crianças prontamente enriqueceram os seus desenhos, a maioria não se limitou a desenhar o sol, como era de costume ao fazer a mesma atividade em folha de caderno com lápis de cor. Demonstrando que o cotidiano pode ser ressignificado e aprimorado por meio de práticas pedagógicas que instiguem a imaginação e desafiem os sujeitos.

Ao final da prática, as crianças contextualizaram a vivência e a criatividade de cada um de seus colegas. Ao observarem as criações por eles feitas, constataram, que a diversidade pairava, pois dentre as quatorze crianças cada qual fez o seu desenho do sol ao seu jeito e sua maneira. Porém todos entenderam que existem inúmeras maneiras de cada um ver e representar o sol, estando todos corretas.

Durante as vivências na Educação Infantil, tem-se o cuidado em respeitar as infâncias, rotinas que são flexíveis, cotidiano que respeita o brincar como indispensável na constituição das crianças, as enxergando como potentes, ativas e criativas. Os pequenos têm acesso a brinquedos, livros, e materiais não estruturados na sala de referência, acesso a um pátio planejado para atender suas necessidades, o que inclui, pracinha, caixa de areia e gramado, ambientes nos os pares interagem diariamente.

Percebe-se um cotidiano rico e vasto que respeita crianças em suas infâncias, cumprindo com o que os documentos norteadores para a Educação Infantil propõe. Neste período observou-se crianças que brincavam, criavam e tinham materiais apropriados, assim como espaços adequados para finalidades pedagógicas. Durante as práticas nos estágios ou em atuações por meio dos programas que sou bolsista, é nítido que as interações e brincadeiras são vivenciadas, e o lúdico é uma dimensão presente na Educação Infantil, os sujeitos infantis são respeitados enquanto crianças com suas infâncias plurais.

3.2 Os sujeitos dos anos iniciais do ensino fundamental de nove anos, alunos ou crianças?

Por meio dos programas PIBID e Residência Pedagógica, a dimensão docente é aprofundada, as práticas pedagógicas destes levam os licenciados a atuar diretamente com os Anos Iniciais do Ensino Fundamental. O currículo para esta etapa da educação Básica, caracteriza-se pelo modo próprio de ser de cada escola, pelo bom funcionamento de suas atividades. Dessa forma a escola reconhece e planeja o seu próprio currículo escolar a partir das necessidades de seus alunos, sendo definido todas as situações vividas pelos alunos dentro e fora da escola, seu cotidiano, relações sociais, e as experiências de vida acumulados por esse aluno ao longo de sua existência.

Falar em currículo escolar é falar também na vida da crianças e da escola em constante e em dinâmica ação, ou seja, educando e educadores, no espaço escolar, constroem e formam, através de processos de valorização e do cotidiano que vivenciam. O currículo escolar algumas vezes é entendido como um processo de socialização das crianças com o objetivo de enquadrá-las ou ajustá-las nas estruturas da sociedade. Já as escolas em que fiz minhas práticas e análises, acreditam que as relações sociais, as trocas de experiências, o cotidiano, formam um conjunto de fatores que garantem a formação escolar na busca de integração à vida social, logo consideram as crianças como sujeitos sociais e protagonistas de suas próprias histórias. Lembrando o que Freire diz sobre considerar a realidade dos educandos,

Fui alfabetizado no chão do quintal da minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi meu quadro-negro, gravetos, o meu giz" (FREIRE, 1982, p. 16).

Então surge o questionamento, referente aos sujeitos dos Anos Iniciais, crianças ou alunos? Conforme evidencia o documento Práticas Cotidianas na Educação Infantil - Bases para a Reflexão Sobre as Orientações Curriculares,

As crianças, ao ingressarem na escola, tornam-se alunos e, dependendo da proposta educacional que vivenciam, são reduzidas "as suas cabeças" isto é, às possibilidades de seu desempenho cognitivo, como se a mente e as emoções fossem algo etéreo, separado do corpo. As concepções dominantes em nossa sociedade sobre os alunos, muitas vezes estereotipadas, carregam em si elementos que seguidamente antagonizam com as de crianças, excluindo a possibilidade da experiência peculiar de infância. (BRASIL, 2009, p. 26, 27).

Em atuação com 19 crianças do 1º Ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental de Nove Anos, vemos o quanto é complexo essa transição, em poucos meses, mudou sua rotina, espaços e tempos. Agora sentar na rodinha, ir à pracinha, leitura a deleite só em momentos especiais e previamente agendados. O brincar que antes preenchia e era a centralidade de seus aprendizados limita-se a 15 minutos diários, durante o recreio, ressaltando que os mesmos muitas vezes tem que optar entre brincar, lanchar ou ir ao banheiro.

Nesse contexto muitos sonhos ficam para trás, são podados pela rotina truncada e abordagens pedagógicas que não contemplam o lúdico. As crianças durante a Educação Infantil, tem expectativas com relação de sair da escola pequena

e ir para a escola grande, na qual eles idealizam que vão aprender a ler e escrever, nos moldes de tudo aquilo que eles conheceram e vivenciaram até o momento, mas chegando na escola grande deparam-se com realidade totalmente diferente daquela que eles sonharam, esperaram e desejaram,

[...] a infância tem sido encurtada e o processo de transformação em adulto ocorre mais cedo. A brincadeira, tão importante para saúde mental do ser humano, é abandonada ou colocada em segundo plano. Muitas vezes, a criança é precocemente submetida a situações estruturadas e levada a cumprir tarefas para alcançar um desempenho que é esperado dela. O processo de aprendizado, que deveria ser estimulante, muitas vezes se torna maçante. Isso acaba comprometendo sua espontaneidade e reduzindo a possibilidade de ela encontrar sua vocação e descobrir seu próprio jeito de ser. (ZATZ; ZATZ; HALABAN: 2006, p.15).

A literatura que até poucos meses era um elemento constante na vida dos pequenos, limita-se a uma vez por semana, ao ir na biblioteca para retirar um livro, o qual é levado para suas casas. É preciso reconhecer que ao levar a literatura para ler em casa com familiares, a ganhos, criam-se novos hábitos, que ajudam na formação de leitores, mas comparado a riqueza literária na qual os sujeitos viviam na Educação Infantil, é notório que não supre o lúdico, não alimenta a imaginação, e não instiga o prazer da leitura na mesma intensidade de outrora. Délia Lerner (2002) destaca a posição de mediador e organizador para com as crianças, para que tenham acesso a cultura literária desde a primeira infância,

O desafio [...] é formar seres humanos críticos, capazes de ler entrelinhas e de assumir uma posição própria frente à mantida, explícita ou implicitamente, pelos autores dos textos com os quais interagem, em vez de persistir em formar indivíduos dependentes da letra do texto e da autoridade dos outros", (LERNER, 2002, pg.27)

Mais adiante ressalta que:

[...]a escola deve fazer as crianças participarem em situações de leitura e de escrita: é necessário pôr à sua disposição materiais escritos variados, é necessário ler para elas muitos e bons textos para que tenham oportunidades de conhecer diversos gêneros e possam fazer antecipações fundadas nesse conhecimento (LERNER, 2002, p.41)

Logo percebe-se a importância das crianças terem acesso a literaturas de qualidade durante toda a sua formação, não somente na Educação Infantil, pois é

interessante que a leitura seja desenvolvida com encantamento. No estágio dos Anos Iniciais, com a referida turma deparei-me com uma situação.

Ao propor para a professora um passeio em um mini zoológico urbano na cidade de Ijuí, nos foi colocado que seria inviável fazer esse deslocamento com as 19 crianças, pois a escola não dispunha de recursos financeiros para tal, e a direção entendia que as famílias, não colaboraram também com o valor do transporte. Destaco que essa prática ocorreu em outubro do ano de 2017 e o valor era de R\$ 2,50 por criança, configurando em um valor simbólico mediante as aprendizagens que as mesmas iriam construir.

Nos prontificamos a pagar o valor, oportunizando essa vivência, mas a professora regente propôs que organizássemos um bilhete, para enviar aos pais explicando o passeio de estudos e o valor necessário para esse, para nossa surpresa todos colaboraram, tornando possível a prática. A alegria das crianças foi contagiante, pois as mesmas relataram que até o referido mês do ano não tinham feito nenhum passeio, ou estudo fora da instituição.

Através desse passeio de estudos, que foi fruto de um projeto, previamente planejado, pode-se abordar de modo interdisciplinar, contemplando todas as áreas do conhecimento, conteúdos, conceitos e habilidades previstas dentro do currículo e plano de estudos da escola. Todo o processo foi pedagógico, desde horário de saída, organização do cronograma, horário de chegada no local, combinados da turma, e observações de estudo que foram feitas no local. Sobre a organização pedagógica Kramer diz que,

Organizar o trabalho pedagógico da escola e da sala de aula é tarefa individual e coletiva de professores, coordenadores, orientadores, supervisores, equipes de apoio e diretores. Para tanto, é fundamental que se sensibilizem com as especificidades, as potencialidades, os saberes, os limites, as possibilidades das crianças e adolescentes diante do desafio de uma formação voltada para a cidadania, a autonomia e a liberdade responsável de aprender e transformar a realidade de maneira positiva. (KRAMER, 2007, p.11).

Antes do passeio foi construído coletivamente uma tabela contendo todos os animais que as mesma conheciam, assim o estudo tinha um roteiro, com questões a serem respondidas. Na volta a tabela foi reconstruída, a partir dos animais que eles passaram a conhecer. Ficou nítido a alegria das crianças a conhecer os animais, ainda

mais quando trabalhamos com a literatura do “O Show do Pavão Fanfarrão” em sua primeira edição, do autor Jean Carlos Kittlaus da editora Mauricio de Sousa.

Imagem 3: Tabela dos animais em construção.



Fonte: Próprio da autora.2017.

A contação de história aconteceu no mesmo dia, porém em sala de aula, a cada frase, a cada avanço da história os olhares dos sujeitos infantis pareciam relacionar o narrado com o vivenciado, pois o pavão foi um dos animais mais procurado no passeio, do qual algumas crianças puderam trazer as penas. Nenhuma crianças conhecia o bicho pavão, antes daquele momento, o que nos levou a criar um texto coletivo.

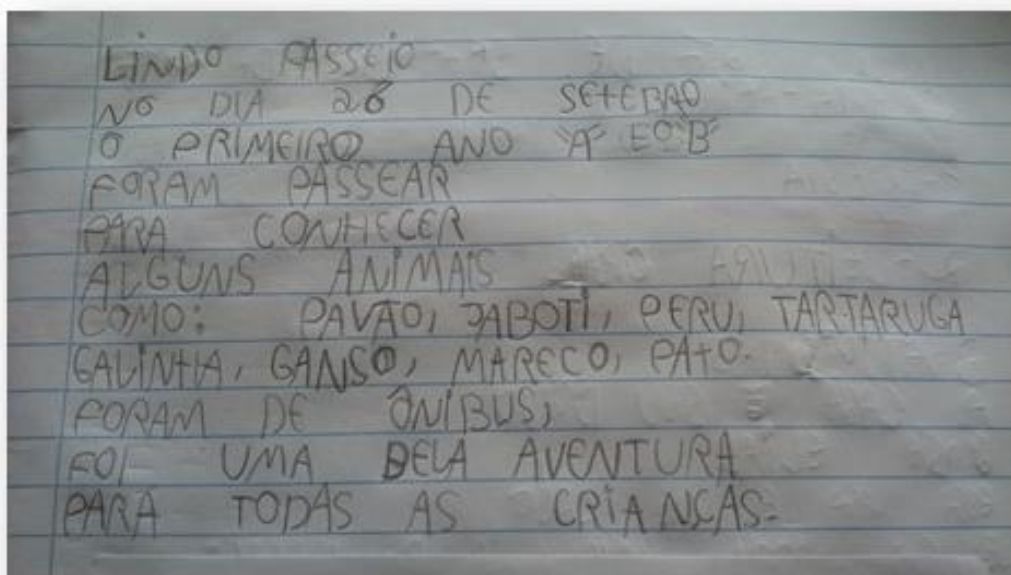
Imagem 4: Imagem do pavão.



Fonte: Próprio da autora.2017

O texto coletivo, contextualizou todas as experiências e alegrias vivenciadas por essas crianças, explicitando conhecimentos e informações debatidas durante o dia. As crianças aprendem de modo dinâmico, através do processo vivido, se empenhando para além da escuta na produção de textos e histórias. Abaixo imagem da produção textual do 1º Ano, a sua construção se deu pela oralidade, na qual atuei como escriba, para posteriormente, fazerem o registro no caderno.

Imagem 5: Texto coletivo sobre o passeio de estudos.



Fonte: Próprio da autora. 2017.

A turma atuou de forma ativa, sendo protagonistas, e mostrando o quanto o momento lúdico é importante na construção do conhecimento, ao sair de uma sala, na qual encontram-se todos enfileirados parecendo robozinhos, fica claro que a construção de saberes não se limita a um espaço físico, ou seja, as quatro paredes da sala de aula, o pedagógico está na natureza, no social, em nossa história, e para produzir um encantamento nos sujeitos infantis, basta um olhar diferenciado na abordagem.

4 CONSIDERAÇÕES

Escrevo, porque à medida que escrevo, vou me entendendo e entendo o que quero dizer, entendo o que posso fazer. Escrevo porque sinto necessidade de aprofundar as coisas, de vê-las como elas realmente são.

Clarice Lispector

A aprendizagem é uma importante forma de vir a constituir tanto aquele que ensina quanto aquele que aprende num dado contexto histórico cultural, mediado pelas interações sociais. E assim compreender como o homem veio se humanizando pela educação e pela cultura e também é importante recolocar a escola num contexto próprio e intencional de formação desse humano, cujo desenvolvimento possa permitir, compreender o meio e modificá-lo culturalmente através de vivências cotidianas.

Acreditamos que nós, como futuros educadores, podemos ter a clareza do quanto é importante fazer a criança duvidar de suas hipóteses iniciais e provocar o conflito que as levará à descoberta. A escola necessita urgentemente resgatar o seu valor do saber em uma sociedade tão carente de valores como a nossa, educar para a cidadania, para a autonomia, para a criatividade e principalmente para a imaginação, trabalhando e acreditando na diversidade natural do ser humano.

Nós humanos de uma forma geral nascemos e crescemos com a necessidade de brincar, extravasar e nos divertir. E assim entendemos que a criança se desenvolve de forma integral, para tanto faz-se necessário que: o brincar, as brincadeiras e as crianças estejam presentes no espaço escolar. No brincar que vivenciamos a nossa primeira manifestação de cultura, são os “jeitos” de fantasiar, criar e recriar a realidade.

A complexa tarefa de educar exige um profissional atuante, envolvido com o desenvolvimento da criança, com o planejamento, e o mais importante é que esse profissional considere a singularidade de cada criança, levando em conta suas características, seu desenvolvimento e reconhecendo-a como sujeito capaz de aprender.

Compreender a transição da Educação Infantil para o primeiro ano do Ensino Fundamental, e a ruptura do universo da criança que antes era lúdico com jogos e brincadeiras foi a centralidade deste estudo, buscou-se em profundidade a compreensão dos documentos referente a essa transição, e o cotidiano das escolas.

Inquietações sobre como os sujeitos infantis são reconhecidos nas instituições estão pautadas em vivências, pois acompanhamos de perto crianças sonhadoras, serem transformadas em prisioneiras padronizadas em uma aprendizagem tradicional nos Anos Iniciais.

Crianças ou alunos? Apesar de os documentos legais estudados afirmarem que são as crianças, sujeitos históricos e de direitos, na grande maioria das vezes as escolas não estão contemplando as mesmas como deveriam. E esses fatos se revelam diretamente nas práticas pedagógicas que tratam os sujeitos como alunos, buscando uma padronização na aprendizagem.

Entendemos que os objetivos propostos foram alcançados, pois foi possível fazer uma leitura da realidade das duas etapas da Educação Básica. Apesar de não encontrar um grande volume de referencial teórico para orientação nesse processo de transição, pois até a BNCC, se limita a abordar o assunto sucintamente em apenas duas páginas, é possível que essa passagem entre as etapas da Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental ocorra de modo não traumático.

Para isso é necessário que o docente esteja disposto a ser um mediador, com um olhar de carinho, afeto e atenção, que acredite nas potencialidades das crianças, e não simplesmente os torne alunos⁴, que esse docente não esteja preocupado somente em transmitir o conhecimento e avaliar através de provas. Saber um modo próprio e criativo de fazer sua práxis, fazendo nela um intercâmbio cultural e intercultural de construção do conhecimento.

Conhecer a realidade e o contexto da cultura da criança torna o educador um olheiro participativo, não deixa a rotina atrapalhar o ritmo das crianças, pois ele acredita que os anseios, o aprender da criança, devem ser levados em conta a partir dos seus direitos, direito de ser criança e viver sua infância. Que a transição da Educação Infantil para os anos iniciais do Ensino Fundamental possa ser feita de uma forma a considerar as exigências emocionais das crianças, contemplando as particularidades diferenciadas da Educação Infantil e do 1º ano do Ensino Fundamental de Nove Anos.

4 Aluno, substantivo masculino, pessoa que recebe lições de um mestre; discípulo, escolar. Indivíduo que recebe uma educação formal numa instituição educacional. Quem busca aperfeiçoar seus conhecimentos numa área ou matéria específica; aprendiz. Pessoa que faz parte de uma comunidade, de uma organização ou corporação. [Antigo] Aquele que nasceu num lugar determinado; natural.

Aos docentes cabe a reflexão sobre o sentimento das crianças que ingressam nessa nova etapa, as mesmas chegam cheias de expectativas, sonhos e desejos, cabendo a eles não frustrar e não apagar os sonhos desses. Destacando que esses sujeitos estão apenas iniciando a sua caminhada nessa etapa, a qual deverão frequentar por muitos anos de suas vidas.

Considerando o contexto de mudanças, faz-se necessário um planejamento de acolhida, adaptação, tanto para as crianças como para as suas famílias. Sem abandonar o brincar e a brincadeira, podem portar cadernos e lápis, artefatos que se agregam à sua infância, pois esses sujeitos continuam crianças em suas singularidades. Esse novo universo não se resume somente a ler e escrever, suas aprendizagens vão muito além, de forma lúdica aprendem a vida.

REFERÊNCIAS

- ARIÉS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos Científicos. Editora S.A, 1978.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil/ Secretaria de Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, 2013.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil/Secretaria de Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, 2010.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **LDB: Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. – 2. ed. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Ensino Fundamental de nove anos: Passo a passo no processo de implantação**. Brasília, MEC, 2009.
- CARVALHO, Silvia Pereira, KLISYS, Adriana, AUGUSTO, Silvana (org.) **Bem-vindo, Mundo! Criança, cultura e formação de educadores**. São Paulo: Petrópolis, 2006.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1982.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: Cartografia do desenho**, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- HORN, Maria da Graça Sousa. **Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- REDIN, Euclides. **Educação infantil: construção da cidadania e prática pedagógica**. In: Paixão de aprender, n.7. Porto Alegre, jun. 1994, p.48-53.
- KISHIMOTO, Tizuko M. (Org.): **Jogo, brinquedo, brincadeira, e a educação**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- KRAMER, S. Formação de profissionais de educação infantil: questões e tensões. In: MACHADO, M. L. A. (Org.). **Encontros e desencontros em educação infantil**. São Paulo: Cortez, 2005, p.117-132.
- KRAMER, S. **A infância e sua singularidade**, 2007. In: BEAUCHAMP, J.; PAGEL, S. D.; NASCIMENTO A. R. do. (Org.). **Ensino Fundamental de Nove Anos: orientações para a Inclusão da Criança de Seis Anos de Idade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

LERNER, Délia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**/trad. Ernani Rosa. - Porto Alegre: Editora Artmed, 2002.

MOTTA, F. **De crianças a alunos: transformações sociais na passagem da educação infantil para o ensino fundamental**. Rio de Janeiro, 2010. Tese de doutorado em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

SACRISTÁN, J. G. **O aluno como invenção**. Porto alegre: Artmed, 2005.

STRENZEL, Giandréa R. **A produção científica sobre educação infantil no Brasil nos programas de pós-graduação em educação**. In: Reunião Anual da ANPED, 20. Anais. Caxambu, São Paulo: PUC-SP, 2000. (CD-ROM).

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. São Paulo, Martins Fontes, 1987.

ZATZ, S.; ZATZ, A.; HALABAN, S. **Brinca Comigo! tudo sobre brincar e os brinquedos**. São Paulo: Marco Zero, 2006.